

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

LEXICÓGRAFOS DA LÍNGUA LATINA EM PORTUGAL.

ALMEIDA, Justino Mendes de

Ano: 1969 | Número: 79

Como citar este documento:

ALMEIDA, Justino Mendes de, Lexicógrafos da língua latina em Portugal. *Revista de Guimarães*, 79 (3-4) Jul.-Dez. 1969, p. 193-226.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Lexicógrafos da língua latina em Portugal

(Continuado da pág. 40)

Pelo Dr. JUSTINO MENDES DE ALMEIDA

X. O «BREVE DICCIONARIO DA LATINIDADE PURA E IMPURA», DE ANTÓNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO.

Saiu este dicionário em Lisboa, em 1760, na Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno. Tem duas portadas — uma latina, outra portuguesa — e é obra de certa raridade: utilizámos o exemplar da Biblioteca da Ajuda (cota 67-1-24), do qual reproduzimos a portada latina.

O *Diccionario* vem referido em Inocêncio, I, p. 225, sob o n.º 1213; nós também o mencionámos no número oito destes estudos quando nos ocupámos do *Apparato Critico para a Correção do Diccionario Intitulado «Prosodia in Vocabularium Bilingue Digesta»*, do mesmo autor.

Escrevemos então: «Quem sabe mesmo, e não obstante a declaração de António Pereira de Figueiredo no final dos «corolários» [*E no que tenho dito, protesto que não foi minha tenção ofender nem agravar pessoa alguma, mas somente aproveitar à mocidade portuguesa e participar dos interesses que consigo traz a composição de um dicionário bem feito.*], quem sabe, dizíamos, «se este *Apparato Critico* não reflecte já a existência de uma certa corrente de reacção contra a Companhia de Jesus, reacção que poucos anos mais tarde haveria de assumir proporções catastróficas e de que nenhum beneficio resultaria para o Reino.»

Não temos hoje quaisquer dúvidas acerca do que antes deixáramos como conjectura. O conhecimento, em globo, da obra de Figueiredo permite-nos concluir

assim. Acresce que anotações como esta que lemos em Inocêncio (XIX, 169) comprovam o que dissemos:

«Manuscriptos do egregio latinista e academico padre Antonio Pereira de Figueiredo, dedicados ao Marquez, registados no *Catalogo* da bibliotheca eborense, pág. 38:

Elogios lapidares latinos, illustrados com notas, em louvor das nações, ao Marquez de Pombal no seu ministerio...»

O *Breve Diccionario* é o sétimo dos trabalhos de Figueiredo destinados — porque não dizê-lo? — a desacreditar e demolir o ensino dos Jesuítas. O autor assim o declara no prefácio do *Diccionario*, ao enumerar esses seus opúsculos: o primeiro foi o *Novo Methodo de Grammatica Latina* (no qual impugna a *Gramática* do padre Manuel Álvares, registando-lhe cento e cinquenta erros — como escreve); segue-se-lhe a *Defensa do Novo Methodo de Grammatica Latina*, mais longa e, sobretudo, mais violenta; em terceiro lugar, o *Apparato Critico para a Correccão do Diccionario Intitulado: Prosodia in vocabularium bilingue digesta* — de que tratámos no n.º VIII destes estudos; vem depois a *Collecção de Palavras Familiares*; em quinto lugar, o *Novo Methodo de Grammatica Latina Reduzido a Compendio*; em sexto, os *Elementos da Invenção e Locução Rhetorica*; em sétimo lugar, o *Breve Diccionario* e, por último, o *Dialogo sobre os Auctores da Lingua com o Juizo Critico das Suas Obras*.

O *Diccionario*, de que nos ocupamos, começa por um «prefácio» de sete páginas nas quais o autor fala dos trabalhos que atrás enumerámos, reservando para a penúltima página o objectivo da obra: enunciação de largo número de barbarismos, com as formas latinas correspondentes. E termina com esta frase que traduzimos: «Deus todo poderoso permita que a diligência que pusemos na seriação dos barbarismos seja a mesma de que usem os estudantes em evitá-los.»

Ao «prefácio» seguem-se três páginas de «licenças», convindo salientar que a do «Paço» é do patriarca dos estudos de biobibliografia em Portugal, Inácio Barbosa Machado.

Vem depois, em página à parte, uma explicação essencial: «As palavras e frases barbaras vão em maiusculo: as Latinas em redondo: as Portuguezas em gryfo.» A p. 1 começa a obra cuja composição vamos apresentando e comentando, dizendo, desde já, que se não trata de um dicionário, no sentido actual do termo, mas da indicação de um conjunto de palavras e frases, agrupadas em duas «classes», subdivididas em capítulos.

«Classe I. Das vozes indifferentes, ou commuas a todo o genero de assumptos. Capitulo I. Das vozes, que começam por alguma das letras A, B, C. A NOSTRA PARTE EST: à nobis est, *ou* nobiscum est, *ou* nobiscum facit: *está pela nossa parte*. AB INITIO MUNDI: post hominum memoriam: post homines natos: *desde que ha mundo.*»

Assim continua até a p. 11 onde termina este cap. I com a palavra:

«CURVITAS: curvatura, *ou* curvamen: *curvidade.*»

As alterações propostas por Figueiredo são acertadas, mas enfermam do defeito de o autor as não abonar com passos das obras ou sequer com referências aos escritores da boa latinidade.

Ainda na p. 11 principia o cap. II:

«Das vozes que começam por alguma das letras D, E, F, G.

DEHONORARE: dedecorare, contumelia adficere, *ou* macula aspergere famam alicujus: *deshonrar.*»,

que termina a p. 14 com o vocábulo.

«GRATITUDO: gratus animus, beneficii memor, beneficiorum memoria, grati animi significatio: *gratidão.*»

De p. 15 a p. 22 decorre o cap. III, «Das vozes que começam por alguma das letras H, I, L, M, N, O», a primeira das quais é a palavra HEREDITARE e a última OSCITANTIA.

Com o cap. IV, «Das vozes que começã por alguma das letras P, Q, R, S, T, V», termina, na p. 28, a Classe I.

A Classe II, «Das vozes facultativas, ou proprias de alguma Arte, e Faculdade», preenche a segunda e última parte do *Diccionario* e distribui-se por quatro capítulos:

- cap. I (pp. 29-34): «Das vozes proprias da Filosofia»;
- cap. II (pp. 35-40): «Das vozes proprias do Direito»;
- cap. III (pp. 41-45): «Das vozes Ecclesiasticas»;
- cap. IV (pp. 46-50): «De algumas vozes Latinas, indiscretamente censuradas por Heineccio»:

Destes 4 capítulos, o primeiro e o terceiro terminam com uma «advertencia», ou seja uma justificação para o uso ou adopção de alguns vocábulos. O último é um comentário aos *Fundamenta styli cultioris*, de Heineccio (Johann Gottlieb Heinecke — 1681-1741) (1).

*

Vê-se, assim, que o *Breve Diccionario*, sendo um auxiliar lexical com a sua utilidade, de forma alguma dispensava a consulta dos dicionários e vocabulários que o precederam, incluindo a *Prosodia*. O seu título pode até induzir em erro, pois não passa de uma relação de umas escassas 400 frases e palavras (precisamente 394), o que me não parece material suficiente para constituir um *lexicon*, ainda que *parvum*, se nos lembrarmos, por exemplo, do *Parvum lexicon*, de Pedro José da Fonseca.

(1) Sobre a divulgação da obra de Heinecke na Península, v. Georges Bonant, n *Relations Luso-Genevoise* (sic) *de librairie au XVIII^e siècle* in «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», ano XV, n.ºs 57-58, pp. 87-93 (Coimbra, 1969).

ANTONII PERERIE

CONGREGATIONIS ORATORII
Olisiponenſis.

PARVUM

LEXICON

- PURÆ ET IMPURÆ LATINITATIS .

*Cum Notis & Interpretatione Lu-
ſitana.*



OLISIPONE ,

Typis Patriarchalibus Franciſci Ludovici Ameal.

M.DCC.LX.

Soliſis obtentis facultatibus.

É, contudo, como dissemos, um livrinho de consulta útil e essencialmente prático. Mas, que não era indispensável, prova-o bem a única edição que dele se fez, contrariamente ao que se verifica em relação a dicionários que já estudámos e a outros de que adiante falaremos.

XI. OS *DICIONÁRIOS* DE PEDRO JOSÉ DA FONSECA.

Na ordem cronológica dos dicionaristas portugueses da língua latina, surge-nos agora Pedro José da Fonseca, professor régio de Retórica e Poética em Lisboa, de quem se ocupou com desenvolvimento Inocêncio F. da Silva no tomo VI, pp. 419-424, no tomo IX (2.º do *Suplemento*), p. 115, e também Brito Aranha no tomo XVII (10.º do *Suplemento*), p. 210, do *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Foi autor de três dicionários cujas reedições se prolongaram até o último quartel do séc. XIX. Quer dizer: os dicionários de Fonseca continuaram em uso, mesmo após a publicação do *Magnum lexicon*, de Fr. Manuel de Pina Cabral, em 1780, e que é o lexicógrafo que se seguirá nesta série de estudos.

Procurámos estabelecer a cronologia dos dicionários de Pedro José da Fonseca e encontrámos a seguinte ordem de edições, com existência de exemplares na Biblioteca Nacional de Lisboa:

Diccionario Portuguez, e Latino:

- 1.ª edição: Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1771 (exemplares na B. N. L.: L. 14.859 V. e L. 4.089 A);
- 2.ª edição: Lisboa, Tipografia Régia, 1791 (ex. na B. N. L.: L. 2560 A.);
- 3.ª edição: Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1815 (B. N. L.: L. 14.057 V.);
- 4.ª edição: Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1823, não há exemplar na B. N. L.; adquiri há pouco

Mythologia Mythologia Mythologia

DICIONARIO
PORTUGUEZ,
E
LATINO

1770

IMPRESSO POR ORDEM
DELREI FIDELISSIMO
DOM JOSÉ I.
NOSSO SENHOR
PARA USO DAS ESCOLAS
DE TODOS OS SEUS REINOS,
E SENHORIOS,

AUTHOR
PEDRO JOSÉ DA FONSECA
PROFESSOR REGIO DE RHETORICA, E POETICA
EM LISBOA



LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA
ANNO DE MDCCCLXXI

Com licença da Real Mesa Conseria, e Privilegio de Sua Magestade.

P. J. F.

um exemplar desta edição, ou antes, «impressão», como se diz no próprio rosto da obra);

- 5.^a edição: Lisboa, António Jorge da Rocha, 1839 (B. N. L.: L. 6.162 A.);
- 6.^a edição: Lisboa, J. Baptista Morando, 1852 (B. N. L.: L. 2.562 A.);
- 7.^a edição: Lisboa, J. Baptista Morando, 1861 (B. N. L.: L. 2.563 A.);
- 8.^a edição: Lisboa, V.^a Bertrand & C.^a, 1872 (B. N. L.: L. 14.472 V.);
- 9.^a edição: Lisboa, V.^a Bertrand & C.^a, 1879 (B. N. L.: L. 4.624 A.).

Deve acrescentar-se que Inocêncio só menciona as edições de 1771, 1791, 1815, 1839 e 1852, e que no *Catálogo de Alguns Livros Raros e Curiosos à Venda na Livraria Lusitana de José dos Santos (Anno de M.CM.XV)* há referência, sob o n.º 344, a uma impressão «no anno de M.DCC.LXX», o que é lapso tipográfico por M.DCC.LXXI, ao que pensamos.

Parvum lexicon Latinum Lusitana interpretatione adiecta:

- 1762, Lisboa, Miguel Manescal da Costa (B. N. L.: L. 30.170 P.);
- 1785, Lisboa, Tipografia Régia (B. N. L.: L. 13.983 P.);
- 1788, Lisboa, Tipografia da Real Academia das Ciências (B. N. L.: L. 4.335 V.);
- 1793 (ou antes, 1798), Lisboa, Tipografia Régia (cit. por Inocêncio);
- 1807, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira (B. N. L.: L. 4.715 A.);
- 1819, Lisboa, Tipografia Rolandiana (B. N. L.: L. 5.204 A.).

Domini hujus Libri est
PETRI IOSEPHI A FONSECA
OLISIPONENSIS
RHETORICES ATQUE POETICES
PROFESSORIS REGII
PARVVM

17. 1457

LÉXICON
LATINVM



LVSITANA INTERPRETATIONE ADIECTA
AD V SV M
LVSITANORVM ADOLESCENTIVM
IN LVCEM EDITVM
I V S S V



IOSEPHI
REGIS FIDELISSIMI.

*QVOD manus reipublica adferre majus meliusve possumus
quam si docemus atque erudimus juventutem.*
Cicero de Divinat. lib. II. 5.

Domini hujus Libri est

OLISIPONE
APVD MICHAELEM MANESCALIVM COSTIVM,
SANCTI OFFICII TYPOGRAPHVM
C. D. MDCC. XLII.
EX REGIS DECRETO.



Num recente leilão, organizado por Arnaldo de Oliveira, veio anunciada, sob o n.º 489, uma edição de 1798. Cremos será a mesma a que Inocêncio atribui, talvez por lapso, a data de 1793. Esta edição de 1798 existe, aliás, na Biblioteca Nacional de Lisboa (L. 19.593 P.), embora com menção errada no ficheiro: *Lexicon Latinum Lusitana interpretatione adiecta*, em vez de *Parvum lexicon Latinum*, etc.

Há ainda um terceiro dicionário, não mencionado por Inocêncio, talvez porque publicado depois da morte de Fonseca (31 anos depois) e porque, embora ampliado com uns milhares de vocábulos, tem por base o *Parvum lexicon*. A primeira edição deste terceiro dicionário coincide com a primeira do *Parvum lexicon*, de 1762, conforme o «aviso do editor ao leitor» que é afinal reprodução do «ao leitor» daquela edição de 1762.

Este terceiro dicionário, como dizíamos, intitula-se:

Lexicon Latinum et Lusitanum Petri Josephi a Fonseca... in lucem editum.

Temos presente uma edição de 1847, Lisboa, Tipografia de António José da Rocha (B. N. L.: L. 4.938 V) e cremos que outra não haverá.

Contrariamente ao que fizemos para o primeiro dicionário, não é possível indicar para os outros dois uma ordem de edições, por não vir expressa nos exemplares, mas apenas o ano e o local da edição e a designação do impressor. Posto isto, passemos à análise dos dicionários, começando pelo *Parvum lexicon* que foi o primeiro dicionário de Fonseca.

*

Como já observou Inocêncio, *op. et loc. laud.*, o *Parvum lexicon* foi elaborado e impresso em condições precárias. Isso mesmo se lê na nota «ao leitor»: «A natureza da obra, o limitado espaço de menos de hum anno, em que a escrevi, e ao mesmo tempo se imprimio em duas Officinas, em attenção á consideravel falta, que já fazia, podem desculpar algumas imperfeições...»

LEXICON LATINUM ET LUSITANUM

Petri Josephi a Fonseca

OLISIPONENSIS

RHETORICES ATQUE POETICES

PROFESSORIS REGII

IN LUCEM EDITUM

JUSSU

JOSEPHI II.

Regis Fidelissimi,

AD USUM

LUSITANORUM ADOLESCENTIUM.

NOVA EDITIO, NUNC, PRÆTER ADDITIONES IN ANTERIORI STUDIO ET OPERA MICHAELIS LE BOURDIER ELABORATA, FLURIMIS VOCABULIS ET SENTENTIIS EX GENSBERO, FACCIOLATO, PORCELLANO, ROZEL ET ALIIS DE PROMPTIS, LOCUPLETATA.

*Quod minus reipublica adferre majus
melius possumus, quam si docemus
atque erudimus juventutem!*

Cic. de Div. l. 11. 2.



OLISIPONE

EX TYPOGRAPHIA ANTONII JOSEPHI A ROCHA
(RUA DA VINHA, N.º 32. — BAIRRO ALTO.)

1847.



N.º 02

Vende-se na loja de Borel, Borel e Comp.ª aos Martyres, n.º 14.

Borel

Diz, por outro lado, que compôs o dicionário por ordem superior e para uso dos que se iniciam no estudo da língua latina «segundo o costume das Escolas novamente restauradas». O livro é reduzido ao indispensável, com supressão de nomes próprios os quais deixa «inteiramente á explicação dos Mestres». Recorda os autores a que recorreu (Vóssio, Celário, Guntero, Vóstriu, Nolténio, Heinécio, Menquénio, Facciolati), sendo de estranhar que não lembre um só dos portugueses que o precederam, mormente os lexicógrafos. Expõe ainda o critério que adoptou, baseado na simplicidade: supressão de muitos participios, redução das «significações», uso moderado de sinónimos.

A nota «ao leitor» abrange 9 pp. numeradas, seguindo-se-lhe, igualmente em 9 pp. sem numeração, um «*indiculus chronologicus auctorum Latinorum*», ou seja, «o *Index Historico-Chronologico* composto por Stubelio, que á sua edição do Thesouro de Roberto Estevão ajuntarão os sábios Editores de Inglaterra, e depois Gesnero á edição do seu Fabro, e do seu Thesouro da lingua, e erudição Romana, o que tambem praticou Birrio na do seu Thesouro de Estevão em Basileia».

Ao «*indiculus*» segue-se o dicionário, com paginação própria de 1 a 356 (letras A a J) e de 1 a 448 (letras L a Z); mais uma página com 4 versos da *Arte Poética* (vv. 351-353 e 360) e, por último, a explicação das notas que se encontram no dicionário, as quais, parece, deveriam estar no início da obra (como, efectivamente, se verifica na edição de 1819). A paginação do dicionário em duas partes distintas é justificada, como atrás referimos, pelo autor: «...se imprimio em duas Officinas...»

Portanto, o *Parvum lexicon*, de Pedro José da Fonseca, é um dicionário de latim-português que teve 6 edições: a 1.^a em 1762; a 2.^a de 1785 (sensivelmente igual à primeira: apenas terá alguns vocábulos, poucos, a mais, e apresenta numeração seguida de páginas — 1 a 826); a 3.^a de 1788, igual à 2.^a, com excepção da vinheta que encima a primeira página do dicionário e da capitular A, contendo igualmente 826 pp.; a 4.^a de 1798, com uma vinheta igual à da 2.^a, mas uma capitular A diferente; tem igual número de páginas (826), mas traz anexo o *Dicionário Abreviado da Fabula... por Mr. Chompré* (Lisboa, 1798), traduzido do francês por Pedro José da Fonseca e publi-

cado à parte pela primeira vez em 1785 (Inocência, VI, 422); a 5.^a de 1807 reproduz a de 1798 com as seguintes diferenças: é outra a vinheta que encima a 1.^a página do dicionário, e na última página há erro de numeração, pois de 826 passa-se, por erro, para a página 830; no mais é igual, incluindo também o *Diccionario... da Fabula*; a 6.^a e última, de 1819, é uma «editio auctior atque emendatior studio et opera Michaelis Le Bourdieu».

Como dissemos anteriormente, esta numeração de edições não existe nos originais; apenas a usamos para facilitar as referências.

Em que consiste este acrescento e esta correcção por parte de Miguel Le Bourdieu, erudito francês de quem falam Inocência e Brito Aranha no *Diccionario* (tomo VI, 227, 464, e tomo XVII, 45)?

A edição de 1819 começa por usar uma vinheta diferente na p. 1 do dicionário e por eliminar a capitular A. Introduce novos vocábulos: *abagimenta*, *abi*, *abjeci* (perfeitos apresentados independentemente do verbo enunciado), *alietarius*, *abjuges*, *ablacto*, *ablegmina*, etc. Assim as inovações de Le Bourdieu, se bem que não venham sumariadas em parte alguma da edição, consistem em colocar no início do dicionário a «explicação das notas, que se encontram neste Diccionario» e em acrescentar um certo número de vocábulos como os que indicámos acima. Inclui igualmente o *Diccionario da Fabula*.

Referidas, assim em conjunto, as seis edições do *Parvum lexicon*, vejamos em que se distingue a obra dos dicionários latino-portugueses anteriores. Servir-nos-á de termo de comparação o dicionário latino-português, digno desse nome, mais próximo cronologicamente: a *Prosodia*, de Bento Pereira, já que o *Breve Diccionario*, de António Pereira de Figueiredo, se não pode considerar como tal. Desde já se conclui pela utilidade e necessidade do dicionário de Fonseca, se lembrarmos que a última edição da *Prosodia* é de 1750 e que o uso desta tinha sido, entretanto, proibido.

O dicionário de Fonseca apresenta-se com um formato ideal para os estudantes, mas com um contingente vocabular muito reduzido, em confronto com a *Prosodia*. Já dissemos que omite os nomes próprios; mas, no vocabulário comum, uma breve exemplificação, elucidar-nos-á suficientemente.

Prosodia (ed. de 1741).

- A praep.** 1. Das, da, dos, do, de.
Actos. O impenetrável, e invulneravel. Amalth.
Atilus, i. O innocente...
 (segue-se uma lista de 13 exemplos de emprego da preposição).
Ab. praep. b. O mesmo que A..... (exemplos de *ab*).
Aba. Palavra antiga, com que o irmão mais moço chamava ao mais velho.
Abaces, is. O mundo: item almario da louça.
Abacion, ii. Mesa pequena.
Abacta, Abactus. *Vide* abigo.
Abacus, i. A copeira, contador, bofete...
Abaculus, i, dimin. de Abacus.
 O mesmo que abacion...
Abagio, onis. O adagio...
Abaia. Casa baixa.
Abalieno, as, avi, atum. Alienar...
Abalienatus, a, um. Cousa separada.
Abalienatio, onis. A separação...
Abambacenos, i. O que carece de enfeite.
Abambulo, as, avi, atum. Apartar-se.
Abambulantes. Os que se apartão.
Abambulator, oris. O que se aparta.
Abamita, ac. A irmã do terceiro Avó.

(seguem-se 28 vocábulos comuns — excluimos os nomes próprios — até a palavra *abavia* com que terminamos a exemplificação).

Parvum lexicon (ed. de 1762)

- A, Ab, prepos.** de abla). Da, dos, de, do, dos, depois, por, por causa.
Abactor, oris. Ladrão de gado.
Abactus, us. Roubo...
Abactus, a, um. Levado...
Abaculi, orum. Peças, de que se fazem as obras de mosaico.
Abacus, i. Aparador...
Abagio, onis. Proverbio.
Abalienatio, onis. Alienação.
Abalienatus, a, um. Part. de **Abalieno, as, avi, atum.** are. Alienar, vender...
Abamita, ac. Tia, irmã do terceiro avô.
Abavia, ac. Terceira avó.

Em conclusão:

- a) há uma exemplificação muito mais vasta na *Prosodia*;
- b) o *Parvum lexicon* tem o vocabulário comum essencial; a sua principal deficiência é a falta de nomes próprios;
- c) o razoável número de edições do dicionário de Fonseca justifica-se pela proibição que tinha recaído sobre a *Prosodia* de Bento Pereira;
- d) pela primeira vez em dicionários portugueses se vê, no dicionário de Fonseca, o uso dos sinais o e — para designar sílabas breves e longas;
- e) a abonação faz-se por processos diferentes na *Prosodia* e no *Parvum lexicon* (exs.: Plaut., Cic., Plin., etc., em Fonseca; Homer. *Iliad.* 6, Plin. 1. 7. c. 2, Ovid. 4. *Met.*, etc., na *Prosodia*);
- f) o formato do *Parvum lexicon* tornava-o ainda mais atraente para os estudantes.

*

Em 1847 saiu em Lisboa nova edição do dicionário de Fonseca, com outro título e maior número de vocábulos (v. a gravura da portada, que reproduzimos). Esta edição contém o «aviso ao leitor», das edições do *Parvum lexicon*, o «indiculus» e a «explicação das notas». Não se indica o responsável pela edição, que tem agora 899 páginas, mais 5.000 ou 6.000 vocábulos (número aproximado, resultante do confronto de muitas páginas) e inclui ainda o *Diccionario da Fabula*. Continua a excluir os nomes próprios, o que, até certo ponto, se justifica nos dicionários de Fonseca que têm apenso o *Diccionario da Fabula*. Não deixa, no entanto, de ser estranho que este dicionário, satisfazendo melhor os interesses dos estudantes, só tivesse uma edição (tanto quanto pudemos apurar) cuja responsabilidade se deve atribuir ao tipógrafo António José da Rocha.

Desta edição, como dissemos, não fala Inocência.

*

Mencionaremos em terceiro lugar, embora seja o segundo no tempo, o melhor de todos os dicionários de Fonseca, ou seja, o *Dicionario Portuguez, e Latino*, impresso em Lisboa em 1771 e reeditado, que saibamos, oito vezes. Fonseca já se lhe referira no «aviso ao leitor» que precede o *Parvum lexicon* de 1762: «He bem verdade que sempre fui derramando estes usos, ou frases com mão escassa; e ainda que o não ignorar a summa utilidade, que daqui proveria, me estimulava continuamente a servir-me delles com maior excesso, a consideração porém de mais poderosos motivos, e a esperança de o poder fazer com mais largueza no Diccionario Portuguez e Latino, em que trabalho, me fizeram conter dentro dos premeditados limites.»

Este dicionário parece representar, assim, o trabalho de uns dez anos. Abre com uma carta-dedicatória, em latim, ao marquês de Pombal, seguindo-se, em 4 páginas, um prefácio «ao leitor» do qual extraímos o passo seguinte:

«Cardoso, e Barbosa, se bem que de distincto merecimento, olhando-se especialmente o tempo, em que escrevêrão, são diminutos nas palavras Portuguezas, cheios de muitas antiquadas, e pouco exactos na citação das Latinas, e assim mesmo ao presente de não pouca raridade: e Bluteau, já tambem pouco vulgar, he de mais prolixamente diffuso, volumoso, e por este motivo incapaz de servir nas Aulas, e aos Principiantes. Hum Diccionario, de que estes se houvessem commodamente de aproveitar; puro em ambas as Linguas, copioso sem superfluidades, e onde se recopilasse o melhor não só dos sobreditos, mas dos que entre os Estrangeiros correm com creditos estabelecidos na universal approvação, he o que eu imaginei ser de utilidade, e de que formei a idéa para o presente, a cuja composição me dei voluntario.»

Contrariamente ao que sucedera com o *Parvum lexicon*, Fonseca não se esquece aqui de mencionar os lexicógrafos portugueses que o precederam.

Este dicionário é em nossa opinião, superior aos precedentes, excluindo o Bluteau. Para avaliar das suas

vantagens, servir-nos-ão de termo de confronto os léxicos de Agostinho Barbosa, Rafael Bluteau e Carlos Folqman. Usaremos a palavra que já nos serviu de exemplo quando tratámos do dicionário de Folqman: *aba*.

«Em Agostinho Barbosa: «*Aba de vestidura*, sinus, sinus, m. g. *Lacinia*, ae. Cicer. *Tironi*, lib. 16 epis. 21. Sueton. in *Caligula*, c. 35. Plaut. *Mercat.* 4. Vnde. *Vestis sinuosa*, vel *vestis laciniosa*: *Que tem grandes abas, ou fraldas*. Ouid. 5. *Metam.* Plin, lib. 25. cap. 10.»

Em Rafael Bluteau (sá a parte de português-latim: «...*Aba de vestidura*. Festo Gramático lhe chama *Ora*, ae, *Fem.*, às vezes lhe poderás chamar *Lacinia*, ae. *Fem.* Pisar as abas da toga: *Calcere laciniam togae*. Suet.»

Em Carlos Folqman: «ABA, f. do chapeo, *Ala galeri*, ou *Pilei margo*, da vestidura, *Lacinia*, ae, f. Chapeo de aba grande, *Pétasus*, i, m. Plaut.»

Em Fonseca: «ABA do vestido. Sinus, us, m. Liv. *Lacinia*, ae, f. Plaut. *Vestido de grandes abas*. *Vestis sinuosa*. Ovid. *Aba do telhado*. *Projectura*. Vitr. *Suggrunda*, ae, f. Varr. *Suggrundium*, ii, Plin. *Fazer aba no telhado*. *Projicere tectum*. Cic.»

Pode, portanto, concluir-se que o dicionário de Fonseca recolheu dos antecessores os exemplos essenciais e acrescentou-lhes outros. Aumentou o número de palavras em relação a Barbosa e a Bento Pereira, continuando, no entanto, a omitir os nomes próprios (aspecto em que é excedido pelo Bluteau e pelo próprio Agostinho Barbosa). Pela sua feição ortográfica, pelo número e distribuição dos vocábulos, pela sua actualização, o dicionário de Fonseca suplantou os precedentes e passou a ser praticamente o único léxico português-latino utilizado. Acresce que, a partir da oitava edição, o dicionário passa a contar com a revisão e aditamentos, por iniciativa dos editores (Viúva Bertrand & C.^a), devidos ao professor Augusto Soromenho, o grande erudito que ficou conhecido pela sua obra omnímota da qual sobressaiem a publicação comentada da *tabula* de bronze de Aljustrel e a famosa crítica à 2.^a edição do *Elucidario* de Santa Rosa de Viterbo no *Jornal do Commercio*.

Esta actualização e ampliação do dicionário de Fonseca, devidas a Augusto Soromenho, justificam que

a obra ainda hoje seja utilizada pelos nossos estudantes, não obstante o inconveniente da divergência das normas ortográficas em vigor.

XII. O *MAGNUM LEXICON*, DE FREI MANUEL DE PINA CABRAL.

A elaboração do *Magnum lexicon*, de Pina Cabral, deve relacionar-se com a seguinte notícia, dada pelo cónego José Filipe Mendeiros no seu estudo sobre *O Humanismo da Universidade de Évora* e já por nós transcrita quando nos ocupámos da *Prosodia* de Bento Pereira:

«Em 1759 estava a ser publicada nova edição... a qual já ia na letra S, quando o Marquês de Pombal encerrou a gloriosa escola e expulsou os jesuítas. Foi encarregado de completar a obra o padre Manuel de Paiva (*sic*) Cabral... mas o ódio vesgo de Pombal... não lhe permitiu utilizar o trabalho já feito...»

Mais desenvolvida é a notícia dada por Inocêncio, a pp. 83-84 do tomo VI do seu *Diccionario*:

«Dedicou-se de preferencia aos estudos da latinitade, e foi officialmente incumbido de acabar o *Diccionario Latino-portuguez*, que tinha ficado incompleto de outras mãos, faltando-lhe ainda as seis letras finaes. Este *Diccionario* era o proprio composto originariamente pelos Jesuítas, destinado a substituir a *Prosodia*, do P. Bento Pereira, e cuja impressão aquelles padres levavam já adiantada, quando a Companhia de Jesus foi expulsa d'este reino em 1759 (Vej. o que diz a este respeito J. V. Gomes de Moura nos seus *Monumentos da lingua latina*, pág. 311). Entregue então no estado em que se achava aos Franciscanos da Ordem terceira, para o completarem e imprimirem, parece que este negocio experimentára algumas difficuldades, até ser o encargo

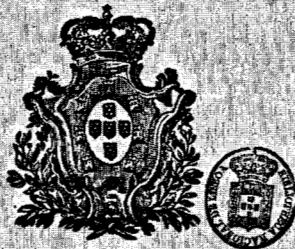
commetido ao P. Cabral, que d'elle se desempenhou como dito fica, publicando-o com o titulo:

1200) *Magnum Lexicon Latinum et Lusitanum*, etc. Olyssipone, Typ. Reg. 1780. Fol. — Desta edição não tive presente algum exemplar. Sahiu novamente em segunda com o rosto seguinte: *Magnum Lexicon Latinum et Lusitanum... Editio altera, priori longe auctior et emendatior, opera et studio R. P. M. Fr. Emmanuelis Pinii Cabralii*. Olissipone, 1802. Fol. — Sahiu em terceira edição... e em quarta, que diz: *in hac vero quarta editione redactum, correctum a Fr. Josepho Antonio Ramalio*. Olissipone, Typ. Reg. 1833. Fol. de IV-727 pag. — E ultimamente, *Magnum Lexicon Latinum et Lusitanum... Opera et studio Fr. Emmanuelis Pinii Cabralii, et J. A. Ramalii. Editio novissima plurimis vocabulis et sententiis ex Forcellino, Noel, Fonseca, Ferreira, Freund et aliis depromptis locupletata*. Olissipone, ex Typ. Antonio Josephi da Rocha 1857. 4.º maximo, equivalente ao chamado folio portuguez: de IV-631 pag.

Além d'estas edições, publicou-se uma em Paris, em cujo prologo, ou advertencia preliminar datada de 30 de Novembro de 1833, se afirma conter ella mais cinco mil vocabulos latinos, que faltavam nas edições de Lisboa até então existentes. Foram taes vocabulos notados com um asterisco. Creio que a mesma ha sido successivamente reproduzida com fontispicios mudados, em que se lêem as indicações de 1852, 1855, 1858; e finalmente a de 1860, sendo este ultimo do teor seguinte:

1201) *Magnum Lexicon novissimum Latinum et Lusitanum ad plenissimam scriptorum interpretationem accomodatam ex celeberrimorum eruditissimorum philologorum lucubrationibus depromptum ad normam proecipue magni Lexici Latini et Lusitani RR. PP. Fr. Emmanuelis Pinii Cabralii et Josephi Antonii Ramalii, etc., etc., Opera et studio Emmanuelis Josephi Ferreira*. Parisiis, apud V. am J. P. Aillaud, Molon & C.^a (Typ. de Rignoux) 1860. Fol. ou 4.º gr. de VI-841 pag.

2166
MAGNUM LEXICON
LATINUM, ET LUSITANUM,
EX DIUTURNIS
CELEBERRIMORUM, ERUDITISSIMORUMQUE
PHILOLOGORUM
OBSERVATIONIBUS
DE PROMPTUM,
AD
PLENISSIMAM
SCRIPTORUM LATINORUM
INTERPRETATIONEM
ACCOMMODATUM



OLISIPONE
TYPIS REGIÆ OFFICINÆ.
ANNO MDCC. LXXX.
Regiæ Curia Censaria permisso.

Entre todas as referidas edições gosa hoje de preferencía a de Lisboa, 1857, por ser elaborada não só sobre a quarta da mesma cidade, mas tendo-se igualmente á vista a de Paris; de sorte que comprehende todos os termos incluídos nestas, e além d'elles, muitos outros de novo accrescentados.»

No tomo XVI, p. 287, do *Diccionario* de Inocência (continuado e ampliado por Brito Aranha), pode ler-se ainda esta notícia complementar:

«A terceira edição do *Magnum Lexicon* (n.º 1200) tem a indicação: Olissip., typ. Reg., 1819. — É folio de IV-727 pag. Parece que é a mesma que depois serviu para apparecer como se realmente fosse quarta!»

Com estas notícias e outras que pudemos recolher, estabelecemos a seguinte série de edições para o léxico de Pina Cabral:

Edições de Lisboa: 1780 (Tipografia Régia: B. N. L., 2566 A); 1802 (Simão Tadeu Ferreira: B. N. L., 3865 A); 1819 (Tipografia Régia: B. N. L.; 5682 A); 1833 (Tipografia Régia: B. N. L., L. 4849 A — exemplar proveniente da livraria do Colégio de Campolide e que tem na guarda a seguinte nota manuscrita: «Este Diccionario foi comprado para uzo do Senr' Marquez de Pombal Manoel Jose de Carvalho, Mello Daun Souza d'Albuquerque, e Lorena, quando estudou a grammatica Latina. E como elle o deixou em um verão em Oeiras aqui o colloquei na Estante dos Diccionarios, hoje 6 de Fevereiro de 1844. O Capellão da Caza Manoel Rodrig' de Faria.»); 1857 (Tipografia de António José da Rocha: B. N. L., L. 4850 A).

Edições de Paris: 1833, 1852, 1855, 1858, 1860 (todas referidas no *Diccionario* de Inocência) e 1867 (que vejo citada, sob o n.º 580, no catálogo da livraria de Pereira Merelo).

A primeira edição do *Magnum lexicon* saiu sem indicação de autor. Por isto, julgámos conveniente transcrever as notícias que deixámos acima, bem como a nota «Ao Leitor» que precede a edição e que vemos reproduzida nas demais edições de Lisboa, com excepção da de 1857 que, por sua vez, contém a «explicação das abreviaturas» e a indicação dos «autores citados», inexistentes nas outras:

«AO LEITOR

Sahe á luz, benevolo Leitor, o copioso Dictionario Latino, e Portuguez, que achando-se imperfecto, e por acabar, Sua Magestade Fidelissima se dignou mandallo entregar á Congregação da Terceira Ordem da Penitencia de S. Francisco. E desejando esta cumprir com as obrigações impreteriveis á sociedade, cuidou commeter este trabalho a hum dos seus membros, que com a possivel exactidão completou o dito Dictionario em tudo, o que lhe faltava para poder utilizar o Público. Esta obra tão util a todos, que desejo instruir-se, mereceo hum vigilante cuidado em se consultarem não só os mais famosos Dictionarios, e os Criticos mais attendiveis; mas tambem as Edições mais correctas dos Authores Latinos. Desta sorte poderão os Leitores sabios sem difficuldade colher os frutos, que se achão repartidos pelos livros das melhores instrucções Romanas. Esperamos que os mesmos Leitores recebão esta obra, como nascida de hum zelo patriotico, que deve fazer o character de hum Cidadão honesto.»

À nota «ao leitor» segue-se imediatamente o léxico que vamos apreciar, tomando para confronto um exemplar da *Prosodia* de Bento Pereira, numa das suas últimas edições (1741), visto que, como deixámos escrito atrás, este dicionário se destinava a substituir a obra lexicográfica dos Jesuítas.

A primeira diferença que se nota é na arrumação dos vocábulos: enquanto na *Prosodia* se encontram agru-

aparecem nos textos clássicos, e não aquela imensidade de onomástico que enxameia a *Prosodia* e raramente se encontra nos autores da boa latinidade.

Tal como nos dicionários de Fonseca, também no *Lexicon* aparecem marcadas as quantidades silábicas com os sinais convencionais hoje em voga.

Assim, dada a proibição que recaiu sobre a *Prosodia*, a insuficiência de Fonseca no que respeita ao onomástico, a manutenção no *Lexicon* do vocabulário comum essencial e a introdução nele dos nomes próprios fundamentais, não é para admirar que o dicionário que apreciamos se tivesse tornado o mais usado, mais vezes reproduzido e o que, efectivamente, melhor correspondia às necessidades dos estudantes.

Na 2.^a edição do *Magnum lexicon* (1802) já vem mencionado como autor da ampliação e das correcções agora verificadas, o Rev. P.^e M. Fr. Manuel de Pina Cabral, da Ordem Terceira de S. Francisco. Nada se diz acerca dessas alterações que só podem ser reconhecidas no confronto de linha a linha. Mas há na verdade introdução de palavras, como seja *Ablusi* na série ABL, *Abnuitio*, *Abnumero*, na série ABN, etc. Resta, no entanto, a dúvida acerca da autoria exacta da 1.^a edição, pois não vemos o nome do P.^e Pina Cabral mencionado senão nas notícias que transcrevemos no início deste artigo e a partir da 2.^a edição do *Lexicon*.

No rosto da 3.^a edição diz-se que esta foi revista e mendada por Fr. José António Ramalho, religioso da mesma congregação e professor de Retórica, e de quem nada conseguimos apurar. Em relação à edição antecedente, parece não conter grandes alterações, pois apresenta a mesma disposição gráfica e o mesmo número de páginas. Notámos nesta edição um erro que não vem na segunda: o verbo *abalieno* vem escrito *abaliano*.

A 4.^a edição parece reproduzir a 3.^a, corrigindo, porém, a grafia de *abalieno*. No resto é em tudo igual.

Por último, a edição de 1857, considerada por Inocêncio, como atrás dissemos, a melhor por nela se ter em conta as edições de Lisboa e de Paris e ainda por ter sido ampliada com muitíssimos vocábulos e frases extraídas de «Forcellino, Noel, Fonseca, Ferreira, Freund et aliis depromptis, locupletata». Nesta edição suprimiu-se o tradicional «ao leitor» e incluíram-se a «explicação

pados sob a indicação de A, AB, AC, AD, etc., no *Lexicon* essa divisão é mais pormenorizada: A, AB, ABA, ABD, ABE, ABF, etc. A distribuição das palavras está mais de acordo com o critério moderno de elaboração de um dicionário, o que se justifica com o carácter da obra em apreço, que é um verdadeiro léxico — o que não acontece com a *Prosodia*.

Contrariamente ao que se verifica nos dicionários de Pedro José da Fonseca, o *Magnum lexicon* também inclui nomes próprios, mas aqueles que efectivamente das abreviaturas» e a menção dos «autores citados». A disposição gráfica é diferente: em vez da distribuição A, AB, ABA, etc., subordina-se tudo à respectiva letra: A, B, C, etc. Apesar de ter menos páginas (631 pp. contra 727 pp. da 2.^a, 3.^a e 4.^a edições), contém mais cerca de 7 000 vocábulos. O *Magnum lexicon* ficava assim com um conteúdo vocabular que o tornava suficiente para os estudantes e justifica que ainda hoje seja usado.

Assim, o *Magnum lexicon*, de Pina Cabral e de António Ramalho, e o *Diccionario Portuguez-Latino*, de Pedro José da Fonseca, passaram a ser, até depois da segunda metade do séc. XIX, os dicionários de uso escolar, relegando os anteriores para a classe de preciosidades (e, em alguns casos, de raridades) bibliográficas.

XIII. O DICCCIONARIO PORTUGUEZ-FRAN- CEZ-E-LATINO NOVAMENTE COMPI- LADO POR JOAQUIM JOSÉ DA COSTA E SÁ.

O título deste trabalho dá a entender a existência de uma edição anterior. Não é inteiramente assim, mas há, no entanto, uma explicação a dar. Do *Diccionario* de Costa e Sá fez-se apenas uma edição, como já escreve Inocêncio no tomo IV, p. 100: «Como não chegou a ser reimpresso, acha-se de ha muito extincta a edição, e só apparecem exemplares com uso, dos quaes tenho visto vender alguns por 1:600 até 3:000 réis.» E mais adiante (p. 101) acrescenta: «*Diccionario francez-portuguez-e-latino*, que devia seguir-se como segunda parte

ao n.º 1683 (*Diccionario portuguez-francez-e-latino*). Era impresso na dita officina, e tinha chegado a impressão até meiado da letra C, contendo 736 págs., e havendo para continual-o boa porção de manuscripto. O irmão José Anastacio da Costa e Sá empreheendeu depois a continuação, e escreveu bastante, segundo dizem; porém é facto que tudo ficou inedito, e a impressão não avançou mais uma só pagina além das referidas.»

A explicação do uso do advérbio *novamente* encontra-se no *aviso dos editores* que antecede o *Diccionario*: «Havendo-se consumido a primeira Edição que fizemos com bastante despeza do *Diccionario da Lingua Portugueza e Franceza*, composto pelo benemerito Padre José Marques, e procurando-se todos os dias com empenho esta util, e necessaria obra, indispensavel certamente para todos os que professão os bellos, e amenos estudos das Sciencias, e boas Artes, e reconhecendo nós que a mesma Obra precisava para a sua melhor perfeição de outra ordem mais methodica, e que requeria se enriquecesse de maior número de Termos, e de Frases pertencentes a todas as Artes, e Sciencias, e até para o mesmo uso comum, e familiar de ambos os Idiomas, os quaes fossem expendidos com clareza filologica, julgámos fazer cousa util, e proveitosa, se commettesemos este trabalho a hum Escritor sabio, e instruido no estudo das Humanidades, e Bellas-Letras, o qual conspirando com os nossos intentos desempenhasse, quanto lhe fosse possivel, esta ardua empreza em beneficio commum não só dos Portuguezes, mas tambem dos Sabios das Nações estranhas, que com esmero deseão instruir-se no conhecimento, e erudição da Lingua Portugueza, tão bella, pela energia de suas Expressões, como rica pela summa abundancia, varia, e exquisita copia de seus Termos, Frases, e Locuções, com que a ennobrecêrão, e enobrecem ainda hoje tantos sabios, e eruditos Escritores, que á porfia pertendêrão competir em trasladar para o nosso Idioma todas aquellas graças, bellezas, e elegancias, com que os doutos Genios Gregos, e Romanos, nossos distinctos Mestres, adornárão, e fizerão como immortaes seus polidos Escritos.

Encarregou-se pois desta empreza o Professor Régio de Lingua Latina Joaquim José da Costa e Sá, sujeito bem conhecido pelos seus escritos, e estudos nas ameni-

dades da Erudição Romana; o qual se desvelou em desempenhar o Plano que tínhamos formado para fazer-mos esta segunda, ou por melhor dizer, esta nova edição.»

Portanto, não se trata de segunda edição de um dicionário português-francês-latino, mas de nova edição de um dicionário de autor diferente, português e francês, da qual resultou igualmente uma obra diferente, com relevo para a língua latina, que é o aspecto fundamental nesta nossa série de estudos. É certo que, a p. 453 do tomo V do *Diccionario*, Inocencio escreveu: «O frontispicio do tomo II da obra aqui mencionada (n.º 4304) é como se segue: *Novo Diccionario* das linguas portugueza e franceza, com os termos latinos, tirados dos melhores auctores, e do vocabulario portuguez e latino do P. D. Raphael Bluteau, dos Dictionarios da Academia Franceza, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, etc. Com os nomes proprios dos reinos, das provincias, das cidades, das comarcas, dos rios do mundo, etc. Pelo Padre Joseph Marques, capellão regente de Nossa Senhora do Loreto. Primeira edição. Tomo II. Lisboa, na Offic. Patriarchal de Francisco Luis Ameno 1764. De 763 pag. (Nota communicada pelo sr. Abbade Castro, que possui um exemplar.)»

Pareceria, assim, que o estudo do dicionário de Costa e Sá deveria ser precedido da análise do dicionário do Padre José Marques. Mas como só na segunda parte se dá relevo à língua latina, também pensámos que a apreciação da obra de Costa e Sá englobaria a dos dois dicionários e, por isto, apenas nos ocupámos deste último.

Joaquim José da Costa e Sá foi um insigne latinista, discípulo de António Pereira de Figueiredo. Deixou uma vastíssima produção literária, nela sobressaindo, além dos trabalhos lexicográficos, estudos de gramática, uma tradução das *odes* de Horácio, uma selecta de *cartas* de Cícero, uma edição de Virgílio, outra de Terêncio, ainda outras de Cornélio Nepos, de Salústio, de Eutrópio, de Fedro, mais obras de Cícero e uma versão da *Arte Poética*, de Horácio; da produção manuscrita, deixou-nos Inocencio (tomo IV, 101-102) extensa relação.

O *Diccionario Portuguez-Francez-e-Latino*, a que Inocencio attribua alguma raridade, como atrás deixámos

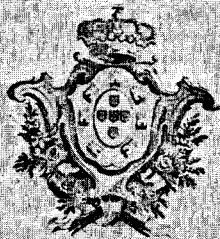
DICCIONARIO
PORTUGUEZ-FRANCEZ-E-LATINO

NOVAMENTE COMPILADO,
QUE

AUGUSTISSIMA SENHORA
D. CARLOTA JOAQUINA,
PRINCEZA DO BRASIL,

OFFERECE, E CONSAGRA
JOAQUIM JOSÉ DA COSTA E SÁ,

Professor Régio de Língua Latina, e Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.



LISBOA. M. DCC. LXXXIV.

NA OFFICINA DE SERVIÇO THADDEO FERREIRA.
*Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura
dos Livros; e com Privilegio Real.*

Vende-se na loja da Viúva Bertrand, e Filhos aas Martyres.

Foi taxado este Livro em papel a 4800 réis.

registrado, abre por uma carta-dedicatória a D. Carlota Joaquina, princesa do Brasil: o autor põe em relevo «o emprego, com que me concederou a nossa amabilíssima Rainha, e Senhora, cometendo á minha doutrina, e cuidado o ensino público da Mocidade Portuguesa, na Língua, e Erudição Romana» e define os objectivos da obra: «este Livro... se dirige ao fim de ensinar por meio das Línguas Franceza, e Latina o Idioma Portuguez...» Esta carta é datada de Lisboa, 13 de Maio de 1794.

Segue-se, em duas páginas, o «aviso dos editores», de que fizemos já um excerto, e mais duas páginas de «taboa das abbreviaturas deste dictionario». Vem após o *Diccionario*, dividido em duas partes: de A a F (pp. 1 a 674); de G a Z (pp. 1 a 555), portanto um total de 1229 pp.

A característica principal do *Diccionario* de Costa e Sá é ser português, francês e latino; portanto, diferente de Agostinho Barbosa, Bluteau, Carlos Folqman e Pedro José da Fonseca. Não tem o desenvolvimento de Bluteau no português e no latim (nem deveria tê-lo, como dicionário para estudantes), mas tem a inovação do francês; é, porém, muito mais completo que os restantes também na parte de português-latim. No trabalho que consagramos aos dicionários de Fonseca, servimo-nos do vocábulo *aba* como termo de confronto com outros dicionários. Reproduzamo-lo agora do *Diccionario* de Costa e Sá:

ABA, s. f. Extremidade de qualquer cousa: *Extrémité, bord, complément, la dernière partie de quelque chose.* (Alicujus rei complementum.)

- do vestido; *le bord d'un habit.* (Sinus, us, m. Liv. Lacinia, ae. f. Plaut.)
- do chapéo; *le bord du chapeau.* (Ala galeri, ou Pilei margo) § Chapéo de abas largas; *Chapeau à larges bords.* (Petasus, i. m. Plaut.) § Vestido de abas grandes; que tem grandes fraldas; *Un habit, une robe avec des grands bords.* (Vestis sinuosa. Ovid. Vestis laciniosa, Plin.)
- do rio; i. e. borda, margem: *Rivage, bord d'une rivière.* (Fluminis margo, inis, ripa. ae.)

- do forro, (T. de carpinteiro.) *Bordure de bois* (T. de *Charpenterie.*) (Laquearis, ou Lacunaris ligneus limbus, i.)
- da fechadura, laminas estreitas, que cobrem as suas guardas, (T. de Serralheiro.) *Bordure, ce qui garnit les bords d'une serrure.* (T. de *Serrurerie.*) (Seræ margo, inis, ou custodia, æ.)
- do telhado, i. e. telhado sahido fóra: *Chanlate, égout pendant, de bas de la couverture d'une maison; qui avance pour jeter les eaux pluviales au delà du mur, subgronde, ou severonde.* (Projectura, æ. Vit. Suggrundium, ii.) § Fazer aba no telhado: *Faire avancer, saillir le toit hors du mur.* (Tectum projicere, Cic.)
- Fig. Protecção, favor, graça, &c. (Favor, is, s. m. Gratia, æ. s. f.).

ABA, s. m. Reino da Asia. V. *Ava. Royaume d'Asie.*

ABA, s. f. Cidade da Grecia: *Ville de Grèce dans la Phocide.* (Aba, æ. Phocis, dis.)

ABA, s. m. Monte da grande Armenia: *Aba, ou Abas montagne de la grande Arménie.* (Aba, ou Abas, æ.)

Mas, sendo assim mais desenvolvido e contendo ainda a parte de francês, porque razão não teria o *Dictionario* de Costa e Sá ido além da 1.^a edição? A explicação parece ser esta: aos estudantes de latinidade interessariam os dicionários de latim-português ou de português-latim (por isso, continuaram em uso, por largo tempo, os de Pina Cabral e Ramalho e de Pedro da Fonseca); os interessados no estudo da língua francesa começavam a utilizar dicionários diferenciados que então apareciam juntamente com as gramáticas da língua. No entanto, é indiscutível que o *Dictionario Portuguez-Francez-e-Latino*, de Joaquim José da Costa e Sá, marca um progresso notável nos estudos de lexicografia em Portugal.

Creio que, com a referência a este dicionário, terminámos o estudo dos lexicógrafos da língua latina em Portugal, do séc. xvi ao séc. xviii (diríamos mesmo, até o final da primeira metade do séc. xix, em virtude das reimpressões e reedições dos dicionários de Fonseca, Pina Cabral e Ramalho). Sabemos de antemão que este

trabalho está longe ser completo ou exaustivo, quer quanto às obras de que nos ocupámos, quer ainda por não termos podido ver algumas referenciadas por colecções bibliográficas. Estão neste caso o «MANUS-CRIPTO: Vocabulario Portuguez e Latino. 1 vol., 4.º, enc.», referido sob o n.º 9718 no catálogo de Pereira Merelo; e ainda o «VOCABULARIO universal latino e portuguez de todos os nomes dos simples, assim dos antigos, como dos que ultimamente se descobrirão na India Oriental ou Occidental no Brazil. (Sem frontespicio lugar e data.) 1 vol., em brochura, 102, pp.», assim descrito, sob o n.º 5485, também no catálogo de Pereira Merelo.

A lexicografia latina da segunda metade do séc. XIX, de que nos ocuparemos mais tarde, começa a apresentar nova feição, digna de estudo especial, com o aparecimento dos *tratados* ou *dicionários* de sinónimos latinos. Estão neste caso o *Tratado de Synonymos e Diferenças de Palavras da Lingua Latina* (Lisboa, 1854), de Joaquim Manuel dos Sanctos, e o *Diccionario de Synonymos Latinos*, de H. Brunswich. É matéria que veremos depois.

*

Assim, se quisermos resumir o trabalho até hoje por nós realizado no domínio da lexicografia latina em Portugal, com referência também à fase que precedeu os primeiros dicionários impressos, poderemos apresentar o esquema seguinte:

SÉC. XIV

Manuscrito alcobacense $\frac{\text{CDIV}}{286}$, hoje na Biblioteca Nacional de Lisboa: contém um vocabulário latino-português e foi publicado pelo filólogo americano Henry Carter na revista *Romance Philology*.

SÉC. XVI

Códice da Biblioteca Pública de Évora $\frac{\text{CLXIX}}{1-26}$:
a peça n.º 42, em papel que parece ser do séc. XVI, contém um fragmento de «Dicionário português-latino de nomes de animais marinhos».

JERÓNIMO CARDOSO:

Dictionarium iuventuti studiosae (Coimbra, 1551 (?);
Coimbra, 1562; Coimbra, 1587);
Dictionarium ex Lusitanico in Latinum sermonem
(Lisboa, 1562);
Dictionarium Latino-Lusitanicum et uice uersa Lusitanico-Latinum (Coimbra, 1570; Coimbra, 1588;
Lisboa, 1592);

SÉC. XVII

JERÓNIMO CARDOSO:

Dictionarium Latino-Lusitanicum et uice uersa Lusitanico-Latinum (Lisboa, 1601; Lisboa, 1613;
Lisboa, 1619; Lisboa, 1630; Lisboa, 1643;
Lisboa, 1677; Lisboa, 1694; Lisboa, 1695;
Coimbra, 1695);

AGOSTINHO BARBOSA:

Dictionarium Lusitanico Latinum (Braga, 1611);

AMARO DE ROBOREDO:

Porta de Linguas | Ianua linguarum (Lisboa, 1623);

BENTO PEREIRA:

Prosodia in vocabularium (Évora, 1634; Lisboa, 1643 (?); Lisboa, 1656 (?); Lisboa, 1661; Lisboa, 1669 (?); Lisboa, 1674; Lisboa, 1683; Évora, 1697);

PEDRO DE POYARES:

Diccionario Lusitanico-Latino de Nomes Proprios (Lisboa, 1667);

TOMÁS DA LUZ:

Amalthea siue hortus onomasticus (Lisboa, 1673);

SÉC. XVIII

BENTO PEREIRA:

Prosodia in vocabularium (Évora, 1711; Évora, 1723; Évora, 1732; Évora, 1741; Évora, 1750);

RAPHAEL BLUTEAU:

Vocabulario Portuguez-e-Latino (Coimbra, 1712, 1713 — vols. I-IV —, Lisboa, 1716, 1720, 1721 — vols. V-VIII; mais dois vols. de *suplemento*, Lisboa, 1728);*

ANTÓNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO:

Apparato Critico para a Correção do Diccionario Intitulado PROSODIA IN VOCABULARIUM DIGESTA (Lisboa, 1755);
Paruum lexicon purae et impurae latinitatis (Lisboa, 1760);

CARLOS FOLQMAN:

Diccionario Portuguez-e-Latino (Lisboa, 1755);

PEDRO JOSÉ DA FONSECA:

Diccionario Portuguez-e-Latino (Lisboa, 1771; Lisboa, 1791);

Paruum lexicon Latinum Lusitana interpretatione adiecta (Lisboa, 1762; Lisboa, 1785; Lisboa, 1788; Lisboa, 1793);

MANUEL DE PINA CABRAL:

Magnum lexicon Latinum et Lusitanum (Lisboa, 1780);

JOAQUIM JOSÉ DA COSTA E SÁ:

Diccionario Portuguez-Francez-e-Latino (Lisboa, 1794);

SÉC. XIX

PEDRO JOSÉ DA FONSECA:

Diccionario Portuguez-e-Latino (Lisboa, 1815; Lisboa, 1823; Lisboa, 1839; Lisboa, 1852; Lisboa, 1861; Lisboa, 1872; Lisboa, 1879);

Paruum lexicon Latinum Lusitana interpretatione adiecta (Lisboa, 1807; Lisboa, 1819);

Lexicon Latinum et Lusitanum Petri Josephi a Fonseca in lucem editum (Lisboa, 1847);

MANUEL DE PINA CABRAL:

Magnum lexicon Latinum et Lusitanum (Lisboa, 1802; Lisboa, 1819; Lisboa, 1833; Lisboa, 1857; Paris, 1833, 1852, 1855, 1858, 1860 e 1867 (?)).

*

Nos estudos da lexicografia em Portugal foi este o trabalho (sécs. xvi-xviii) que principalmente desejámos fazer. Não foi isento de dificuldades, motivadas sobretudo pela falta de tempo disponível para tal género de estudos, que obriga, a longas permanências em bibliotecas públicas e particulares. É possível que, antes mesmo de recomeçarmos com o séc. xix, tenhamos de proceder a quaisquer rectificações e para as quais solicitamos o auxílio dos estudiosos da bibliografia portuguesa.